

EDITORIAL

INICIAÇÃO CIENTÍFICA NA GRADUAÇÃO

Ultimamente muito se tem falado do baixo nível intelectual dos ingressantes na universidade brasileira, em particular na universidade pública. Diante de uma clientela que mal sabe ler e escrever, que mal consegue entender o conteúdo de artigos de jornal ou mesmo o significado de termos corriqueiros, vem-nos a seguinte pergunta: é possível promover a iniciação científica nos cursos de graduação (licenciatura e bacharelado)?

A situação das ciências humanas, hoje, na universidade brasileira é de flagrante desvantagem em relação às exatas e biomédicas, embora, falando seriamente, estas também não estejam em situação de normalidade, fruto, talvez, de uma ação deliberada de se investir pouco para justificar a necessidade de privatização do ensino universitário. E o ensino básico tem produzido, em especial na escola pública, um produto de insipiente nível cultural dificultando a formação de quadros para o preenchimento das vagas geradas na universidade.

Os alunos chegando mal formados não questionam, desconhecem as mais elementares técnicas de estudo, especialmente de leituras e com muita frequência necessitam trabalhar para sobreviver, enquanto estudam. Ao invés de ser-lhes oferecidos os melhores professores, não no sentido de carreira acadêmica qualificada, mas em termos didático-pedagógicos, recebem professores em início de carreira, tão inseguros quanto eles, porque os mais experientes e doutos docentes preferem trabalhar com os que sobreviveram ao expurgo perpetrado por aqueles que acreditam ainda que um ensino de boa qualidade passe pela exclusão dos discentes que não chegam com o nível desejado ao invés de proceder a um alavancamento dessa situação cultural indesejada para aquela que deveriam ter. Mas esta qualificação a universidade não lhes oferece. Ao contrário, vê-se com muita frequência alunos de cursos de licenciatura tratarem as disciplinas que os instrumentalizariam para a docência como inutilidades.

Os professores diferem pouco dos alunos, pois foram formados pelo mesmo sistema, carecem de técnicas de estudo, na maioria dos casos não pesquisam, portanto não podem ensinar a pesquisar. O ensino ministrado por quem não pesquisa só pode ser baseado na memorização e na utilização do livro didático como recurso quase único.

Dessa forma o processo ensino aprendizagem é livresco e tendente ao reprodutivismo no sentido de veicular o conhecimento que não foi produzido pelos agentes do processo ensino-aprendizagem, sem muita diferenciação entre licenciaturas e bacharelados. Ao repetirem o que foi relatado por outros,

pouco se importam com a idade do escrito. Assim, ensinam ao aluno ser recipiente de respostas prontas e não a como indagar, questionar.

Quando se referem ao questionamento muitas vezes este vem travestido de especulação. Outros trabalham os conteúdos dos textos - em especial os da "igrejinha" que freqüentam - como "verdades de fé" e não como enunciados científicos. Seu discurso travestido de crítica denota uma prática altamente conservadora. E a falta de clareza teórica produz uma exacerbação do ideológico, confundindo argumentar com **aderir** se for do seu "bloco" ou **refutar** se for do "bloco adversário".

As universidades e faculdades (especialmente as isoladas) na maioria das vezes são dotadas de laboratórios desaparelhados ou sofisticados e de manutenção custosa, o que os torna subutilizados, dada a escassez de recursos para a educação como um todo. As bibliotecas são pobres, desatualizadas, faltam livros básicos, a assinatura de periódicos nem sempre é renovada, faltando não apenas revistas e jornais de caráter científico, porém, mesmo de notícias.

Os currículos são fechados, a introdução da matrícula por disciplina é uma ficção, na realidade o que se mantém é a estrutura dos cursos seriados, uma vez que cada curso possui uma grade curricular única, fechada numa rede de pré e co-requisitos, com poucas disciplinas optativas. As aulas expositivas tomam conta dos cursos, a interdisciplinaridade inexistente, quer pela insegurança dos professores em verem descobertas suas falhas de formação e ignorância quanto ao que venha ser interdisciplinaridade, quer porque a escola desestimule o trabalho interdisciplinar ou no mínimo não o considere como atividade curricular.

O que fazer para superar os referidos problemas ou deficiências? Primeiro destacar os melhores professores para trabalhar com os alunos ingressantes. Ou seja, docentes conhecedores de técnicas de ensino modernas, didática adequada à realidade do aluno; que considerem o degrau que deverá ser galgado para sair da situação real para a desejável e, sobretudo, aqueles efetivamente compromissados com a educação.

Segundo, utilizar técnicas de leitura e fichamento ao mesmo tempo que trabalha com textos relativos aos principais quadros teóricos de referência (marxismo, estruturalismo, positivismo, etc.) e autores clássicos da metodologia científica como Durkheim, Weber, Marx, Lévi-Strauss entre outros. Trabalhar noções de método e de teoria para ir facilitando a emergência de uma mentalidade de rigor e disciplina acadêmicos. Textos de divulgação e vulgarização devem vir antes que os propriamente científicos e muitos são encontráveis em jornais de informação. Filmes também podem ser utilizados. Por exemplo, o filme do cinema catástrofe **Piranha** serve para discutir a questão da neutralidade científica. A série **Cosmos** (que existe também em

livro) que passou na televisão pode ser utilizado para se discutir teorias do cosmo, e assim por diante.

Terceiro, se os temas para iniciação à pesquisa tratarem de problemas que toquem de perto a realidade discente possibilitam uma aprendizagem mais rica. A biblioteca desempenha um papel fundamental no caso. Deve ser acionada com muita frequência para se proceder a levantamentos bibliográficos acerca do assunto a ser pesquisado, fichamentos, pistas para solução de problemas; estabelecer objetivos a serem atingidos; verificar nos textos resultantes de pesquisa a teoria, a concepção de ciência e de método, a ideologia subjacente.

Isso, além de possibilitar uma iniciação teórico-metodológica eficaz, motiva o educando para a prática da pesquisa e para o rigor acadêmico. Convém, nesse caso, priorizar os relatórios de pesquisa de professores da Instituição. Caso sejam raros é bom lembrar que através do COMUT, qualquer biblioteca escolar pode ter acesso a textos resultantes de pesquisas, realizadas em outras instituições, com a finalidade de produzir dissertações de mestrado ou teses de doutoramento.

Quarto, discutir com os alunos alternativas explicativas, detectar as falhas e virtudes dos referidos textos, a história da detecção do problema, a consistência do seu tratamento, sua potencialidade explicativa. Lembrando que cada tese, cada solução traz em si novas questões, novos problemas.

Quinto, atualização do professor. É muito importante que os professores mantenham-se atualizados acerca do que está sendo discutido pela comunidade científica de sua área, daí a importância de assinar e ler periódicos científicos. A atualização deles deve ser verificada pelo professor-pesquisador. Muitas teses são publicadas e entram no circuito comercial, podendo ser adquiridas em livrarias. Uma maneira de se informar sobre isso é ler os periódicos científicos ou mesmo informativos.

Sexto, promover o trabalho interdisciplinar, que não é apenas estudar o mesmo texto em várias disciplinas, pode desempenhar um papel de vital importância no processo de iniciação científica, sobretudo se considerarmos as condições do discente trabalhador. Além de evitar afogar o aluno com uma infinidade de textos que serão tratados superficialmente, possibilita evidenciar que um objeto determinado de investigação pode ser visto de maneiras diversas e ainda assim ser tratado cientificamente.

Sétimo, uma forma de iniciação é começar pois pelo estudo dos clássicos, isto é, aqueles pensadores que resistiram ao tempo. Os alunos teriam possibilidade de elaborar fichas de autores mais importantes para a área de estudo e outras afins; fichas bibliográficas de textos significativos. Realçar na análise os objetivos, a tese, o referencial teórico, os conceitos e pressupostos, método e metodologia. Cobrar elaboração crítica do aluno, em

textos que evidenciem argumentação coerente, crítica, objetividade, clareza, cotejamento de diferenças e especialmente o tratamento de problemas, isto é, textos dissertativos.

Estimular na avaliação projetos que contemplem intervenção na realidade. Trabalhar técnicas de redação, normas científicas. Estimular a elaboração de planos de estudos e de diagnósticos através da mensuração estatística, da situação estudada e quando se utilizar de metodologias alternativas, como pesquisa-ação, pesquisa-participante, estudá-las com seriedade.

Trabalhos didáticos em laboratórios, se não se constituem em pesquisa efetiva, possibilitam aos educandos simularem a elaboração de "relatórios de pesquisa"

Concluindo, a principal mudança a ser efetivada quando se trata de iniciação científica na graduação diz respeito ao professor. A própria vivência da pesquisa, por si só já contribui para isso. E à medida que alguém começa a tendência é envolver outros professores e alunos, inicialmente do seu, depois de outros cursos e departamentos, institutos ou faculdades.

E, lembramos, nos cursos de graduação em ciências humanas, sejam licenciaturas ou bacharelados, temos possibilidades de realizar pesquisa bibliográfica, o que não exige custos elevados nem financiamento externo, podendo se efetivar a partir da utilização da biblioteca e do consumo de papel sulfite que, pelo menos até a presente data, não tem faltado nos departamentos.

Devemos ressaltar que nada substitui a pesquisa quando se trata de Iniciação Científica na Graduação. Considerado isto, de pouco ou de nada adiante ter uma disciplina denominada Metodologia Científica ou Métodos e Técnicas de Pesquisa ou qualquer outro nome, se os professores de graduação não realizam pesquisa. E, no caso de realizarem, se envolverem os alunos, tais disciplinas podem, perfeitamente, ser eliminadas dos currículos, criando, dessa maneira, possibilidades de participação discente na pesquisa propriamente dita.

Geraldo Inácio Filho